

## TEMPO E LITERATURA: A OBRA *O AMANUENSE BELMIRO*, DE CYRO DOS ANJOS – UM OLHAR A PARTIR DA FILOSOFIA DE HENRI BERGSON

TIME AND LITERATURE: THE NOVEL *O AMANUENSE BELMIRO*, BY CYRO DOS ANJOS – A VIEW FROM THE PHILOSOPHY OF HENRI BERGSON

Alex Fabiano Jardim<sup>1</sup>  
Warley Kelber Gusmão<sup>2</sup>

**RESUMO:** Pretendemos realizar um diálogo entre filosofia e literatura. De um lado teremos a obra literária *O Amanuense Belmiro*, do escritor mineiro Cyro dos Anjos; de outro, o pensamento do filósofo francês Henri Bergson. O pretexto que movimentará esse diálogo será o problema da subjetividade, do tempo e sua ação na vida humana, sua passagem. A leitura do livro *O Amanuense Belmiro* nos apresenta seu protagonista em uma situação conflituosa, pois, se o presente, com suas intermináveis exigências, não lhe permite acessar por completo o tão desejado passado vivido em Vila Caraibas, de modo contrário, este mesmo passado atualizado em fragmentos, lampejos, o impede de viver por completo sua vida presente. Configura-se assim a gaiola (confinamento) temporal da qual Belmiro faz-se prisioneiro. E é particularmente esta característica da obra, isto é, sua concepção intrincada de tempo, que percorre todo o seu conjunto, que nos interessa, pois ela nos permitirá estabelecer uma aproximação com o pensamento de Henri Bergson, especificamente em relação a um conceito muito particular de sua filosofia, a duração: um modo de ver o tempo onde passado, presente e futuro convivem, misturam-se, interpenetram-se. As implicações deste modo de ver o tempo impactam diretamente nas ideias de vida interior e psicológica, criação, evolução, individualidade, percepção e memória.

**Palavras-chave:** Tempo; duração; literatura; vida.

**ABSTRACT:** We intend to carry out a dialogue between philosophy and literature. On one side we have the literary work *O Amanuense Belmiro*, by the Minas Gerais writer Cyro dos Anjos, on the other the thought of the French philosopher Henri Bergson. The pretext that will move this dialogue will be the problem of subjectivity, time and its action in human life, its passage. Reading the book *O Amanuense Belmiro*, presents its protagonist in a conflicting situation, because if the present with its endless demands does not allow him to fully access the so desired past lived in Vila Caraibas, on the contrary, this same past is updated in fragments, flashes,

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, com estágio na Université de Paris I - Panthéon Sorbonne. Pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa. Professor do Departamento de Filosofia, do Mestrado em Estudos Literários e do Mestrado Profissional em Filosofia - Unimontes, MG.

<sup>2</sup> Doutorando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia-UNEB.

prevents him from fully living his present life. This configures the temporal cage (confinement) of which Belmiro is imprisoned. And it is particularly this characteristic of the work, that is, its intricate conception of time that runs through its entire set that interests us, as it will allow us to establish an approximation with the thought of Henri Bergson, specifically in relation to a very particular concept of his philosophy, duration: a way of seeing time where past, present and future coexist, mix and interpenetrate. The implications of this way of looking at time directly impact the ideas of inner and psychological life, creation, evolution, individuality, perception and memory.

**Keywords:** Time; duration; literature; life.

Iniciamos esse texto chamando a atenção ou fazendo, de certa maneira, uma pequena advertência: não é nossa pretensão realizar uma filosofia da literatura. A ideia de fundo é indicar uma zona de vizinhança ou a expansão de um campo problemático que poderia aproximar o escritor Cyro dos Anjos<sup>3</sup> ao filósofo Henri Bergson.

A obra *O Amanuense Belmiro*, nos dá a condição para a invenção dessa conversação, pois discorre no seu interior sobre problemas que podem ser implicados aos conceitos bergsonianos (tempo, memória, duração, percepção), resguardando-se as singularidades da sua apresentação e exposição. Com efeito, o desafio maior desse texto é apresentar uma possível intercessão entre literatura e filosofia, ou mais especificamente, texto literário e texto filosófico que, imbricados, podem dissimular uma dívida a partir de uma leitura apressada, mas na verdade, apenas nos aponta um movimento absolutamente fecundo e primordial.

A obra literária *O Amanuense Belmiro*, escrita por Cyro dos Anjos, foi publicada pela primeira vez em 1937<sup>4</sup>. “O amanuense Belmiro foi recebido como a estreia mais significativa de 1937 - o grande acontecimento literário do ano - segundo alguns críticos” (NOBILE, 2006, p. 15). Páginas escritas à mão, depois datilografadas. O fantasma dos personagens. Uma sorte de escrita quase convulsiva fez com que Cyro dos Anjos mergulhasse na tarefa de terminar o romance. A impressão é que a experiência da escrita em Cyro sempre pareceu um pouco misteriosa, por tudo aquilo que ela envolvia, em especial a força promovida pelos personagens e as sensações em que estes despertavam no autor, haja vista uma entrevista à Revista *O Cruzeiro*, 1971:

O personagem começou a intrometer-se na vida do autor, trazendo-lhe fantasmas, devaneios, desajustamentos com a realidade. Convinha, a este

---

<sup>3</sup> Cyro Versiani dos Anjos - jornalista, professor, cronista, romancista, ensaísta e memorialista (Montes Claros-MG, 1906 - Rio de Janeiro-RJ, 1994). Formado em Direito, exerceu vários cargos públicos importantes no Estado de Minas Gerais e no governo Federal, sobretudo durante o governo de Juscelino Kubitschek -JK; foi um dos fundadores da Universidade de Brasília-UnB, onde também atuou como professor, e da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais-UFGM. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/cyro-dos-anjos/biografia>. MAIA, C. J. Bravas e insubmissas: mulheres e gênero na literatura memorialista do sertão nordestino. In. *Tempo e Argumento*. Florianópolis, Vo. 10, n. 25, pp. 358-384, julho/setembro, 2018.

<sup>4</sup> Na longa correspondência mantida por Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade, entre 1930 e 1986, o poeta incentiva o amigo a levar adiante a escrita e a publicação de seu primeiro romance. Conhecedor das crônicas publicadas por Cyro com o pseudônimo de Belmiro Borba, no jornal *A Tribuna* - e que seriam depois, crônicas e pseudônimos, matéria e personagem de *O amanuense Belmiro* -, Drummond presente a inovação que o livro traria para a literatura brasileira, então cindida entre o regionalismo nordestino e a ficção de cunho intimista (NOBILE, 2006, p. 11).

último, e com urgência, livrar-se de tão comprometedor companhia, aprisionando o personagem dentro de um livro. Umas férias ocasionais vieram permitir que isso acontecesse: o autor dispôs de tempo integral, durante aqueles dois meses, e pôde escrever o romance <sup>5</sup>.

Num outro momento, em sua obra *A criação literária* (1959), ele também fala dessa relação entre personagem e autor:

[...] Tal dificuldade se intensifica de modo extraordinário nos romancistas e nos dramaturgos. Alguns deles há que são verdadeiramente obsidiados pelo seu herói; deixam-se conduzir por ele, em vez de o conduzirem, e até experimentam dificuldade de o expulsarem do espírito, quando terminam a peça ou o romance. (DOS ANJOS, p. 43)

Essa característica nos dá condições para pensar que a escrita literária em Cyro dos Anjos é uma espécie de experimentação, ou seja, há uma implicação entre literatura e vida. Essa questão aproximaria ainda mais Cyro dos Anjos e Bergson, dada a relevância que esse último dá em sua obra aos problemas da liberdade, da criação, do movimento, do tempo. Deleuze acentua de maneira direta que “o tema lírico percorre toda a obra de Bergson: um verdadeiro canto em louvor ao novo, ao imprevisível, à invenção” (DELEUZE, 1999, p.138).

Não seria exagerado estendermos essa implicação no campo conceitual entre estética e modos de vida. A escrita nesse caso é condicionada por um profundo mergulho no mundo e seu desdobramento é algo da ordem do sensível. No *Amanuense Belmiro*, em particular, os personagens encarnam instâncias espaço-temporais nos apresentando em cada diálogo, as aventuras das ideias, o delírio, o sonho. Por exemplo, falamos de uma experimentação bastante singular em relação ao tempo. É nessa relação que o autor ao escrever fabula um tempo próprio. Uma sorte de ‘tempo redescoberto’, ao estilo de Proust: reminiscências que perturbam, passado e presente que apresentam sob a forma da escrita coisas e pessoas, revelando vida nas coisas. Não se trata, no romance *O Amanuense Belmiro*, da expressão de uma interioridade do autor ou de qualquer procedimento psicológico de caráter solipsista. Seguindo-se numa argumentação bergsoniana, afirmariamos que a interioridade do eu não é o espelho de si, mas reflete um movimento criador, isto é, “a originalidade de um mundo reflete a originalidade do mundo: a liberdade da imaginação encontra a liberdade criadora” (LEOPOLDO E SILVA, 1994, p. 325).

A narrativa se constitui a partir de dobras do fora, que por certo também se desdobra sob o modo de uma imagem. Esse ‘eu interior’ não possui uma intimidade necessária, nesse sentido, ele (o eu), é o efeito de sobreposições de imagens. “A fabulação neste caso não se confunde com uma projeção do eu [...], é agenciamento coletivo de enunciação. Delírio” (DELEUZE, 1997, pp. 14-15). A escrita, nesse caso, para Cyro dos Anjos, é antes de tudo, a capacidade do autor em não se perder nos fatos.

Que tenho eu com os dias que a folhinha assinala? Há dois meses comecei a registrar, no papel, alguns fragmentos de minha vida, e noto agora que apenas o faço em datas especiais. Encontro uma explicação plausível: minha vida tem

<sup>5</sup> Estado de São Paulo, São Paulo, 9 de outubro. Entrevista concedida por Cyro dos Anjos, com o título: ‘Cyro dos anjos, 7 anos’ (DOS ANJOS *apud* NOBILE, 2005, p, 26).

sido insignificante, e no seu currículo ordinário nem faz, realmente, por onde eu a perceba. Habituei-me às coisas e seres que incidem no meu trajeto usual da Secretaria para o café e do café para a rua Erê. Tais seres e coisas pertencem, por assim dizer, ao meu sistema planetário, e, entretido com eles, na sua feição mais ou menos constante, vou traçando quase que despercebidamente minha curva no tempo. (DOS ANJOS, 1937, p. 30)

Nesse sentido, não podemos restringir a literatura de Cyro dos Anjos à ficção ou mera imaginação, como se sua escrita fosse apenas uma reconhecimento de imagens da vida. Por isso é importante repetir, trata-se de criar vida, de dar à vida novas condições de possibilidade. Não menos importante, é chamarmos à atenção para que, se por um lado, a literatura de Cyro dos Anjos não pode ser reduzida à ficção; por outro, não se trata também, de uma mera reafirmação do real, uma espécie de adequação entre escrita e realidade, no sentido de apenas revivê-la. Por isso, o tema do tempo é fundamental. Porque está em jogo a relação entre a escrita e sua abertura ao infinito e ao ilimitado. Passa-se pelo real, uma espécie de travessia pelo vivido, em direção a uma vida outra. “Convida-nos a literatura a fugir do real ou pelo contrário, nos dá acesso a uma realidade mais profunda? Constitui mero passatempo ou funciona como válvula, para libertar o espírito de sentimentos e ideias que o oprimem?” (DOS ANJOS, 1959, p.7). Cyro nos fala de uma escrita literária que procura partir, escapar ao senso comum, sem que isso tenha por intenção fugir da vida ou do mundo. Nessa direção, a obra *Amanuense Belmiro* nos mostra, através do fluxo narrativo do personagem principal, Belmiro, que ele jamais desconsidera o vivido, as emoções, suas percepções<sup>6</sup> e afetos.

Quero rir, chorar, cantar, dançar ou destruir, mas ensaio um gesto, e o braço cai, paralisado. Dir-se-ia que há em mim um processo de resfriamento periférico. Os outros tem pernas e braços para transmitir seus movimentos interiores. Em mim, algo destrói sempre os caminhos por onde se manifestam as puras e ingênuas emoções do ser, e a agitação que me percorre não encontra meios de evadir-se. Refflue, então, às fontes de onde se irradia a converte-se numa angústia comparável à que nos provém de uma ação frustrada. (DOS ANJOS, 1937, pp. 30-31)

Se o autor nos aponta uma cartografia do eu, é para fabular outras percepções que não se reduzem ao mero vivido. Não obstante, experimentam-se com isso novas sensações. O texto de Cyro dos Anjos faz da vida a materialidade do romance: um tipo de possível a ser inventado compondo literatura e literalidade, afinal “a finalidade da literatura é a passagem da vida na linguagem que constitui as ideias” (DELEUZE, 1997, p. 16). Ilustra muito bem a proposição anterior a fala de Belmiro, personagem principal do romance:

Satisfazendo à necessidade de dar forma aos pensamentos imprecisos de suas saudades e de seus amores, lograva articular uma linguagem que nos servia a

---

<sup>6</sup>Em sua obra *A criação literária*, Cyro dos Anjos faz a seguinte observação a partir de suas leituras do poeta Paul Valéry: “observa-se esse autor que a maior parte das impressões e percepções que recebemos pelos nossos sentidos não desempenha papel algum no funcionamento dos órgãos essenciais à conversação da vida. Das inúmeras sensações sensoriais que nos assediam a todo instante, diz ele, só uma parte infinitamente pequena é necessária ou utilizável para nossa existência puramente fisiológica. E conclui que a invenção da arte resultou da necessidade de conferir às sensações inúteis uma espécie de utilidade (DOS ANJOS, 1959, pp. 10-11).

todos e que, por igual, nos falava de nossas saudades e de nossos amores; transportava-nos, assim, à atmosfera branda e tépida em que o espírito adormece quando encontramos a definição de um sentimento e sua forma de expressão. Proporcionando ao espírito válvulas por onde se evadem as emoções que o comprimem, a expressão - seja musical, literária ou plástica - alivia-o docemente. (DOS ANJOS, 1937, p. 28)

Logo, é nesta direção que o protagonista, Belmiro, amanuense lotado na Seção de Fomento Animal, vinculada à pasta da Agricultura, estabelece seu projeto de escrever um livro de memórias onde pretende relatar seu passado em Vila Caraibas, lugar onde nasceu e cresceu e do qual parece trazer as lembranças mais marcantes de sua vida.

Apressadamente, poderíamos dizer que a narrativa de Belmiro se caracterizaria enquanto uma consciência que se direciona para um exterior. Entendemos que essa perspectiva colocaria a obra no terreno da fenomenologia e da psicologia. Isso seria o mesmo que afirmarmos que a consciência do narrador seria sempre consciência de algo, ou então, que os objetos e estados de coisa não passariam de conteúdos da consciência, ou seja, mera representação. Certamente, pensar o referido texto literário a partir desses pressupostos não é a nossa pretensão. A conversação com a filosofia bergsoniana já deixa claro que ao propormos uma zona de vizinhança é por acreditarmos que tanto para a literatura, quanto para a filosofia, pensar não significa 'designar objetos'. Tanto o pensamento de Bergson, quanto o texto *O Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, fundam um campo conceitual possível a ponto de não perdermos de vista a relação entre pensamento e criação. Ambos possuem como escopo da escrita uma atenção aos signos, aos enunciados próprios da vida, às relações e suas composições no tempo. Ao reduzir a obra enquanto representação de uma consciência (do narrador Belmiro) correríamos um enorme risco de torná-la mero psicologismo, com todas as suas ilusões, dentre elas, o eu como elemento sintético e genético da fala. Neste caso, há um problema que precisamos evitar: o de reduzir cada campo de imagem à consciência; isto é, a redução do mundo imanente a algo. Citando Bergson, no 1º capítulo de *Matéria e Memória*, "a representação empobrece o campo de imagem" (BERGSON, 2006, pp.11-81).

Para Cyro dos Anjos, o projeto inicial da escrita de um livro, é atravessado pelas incessantes solicitações do seu presente imediato, pois descobre que escrever não pode ser reduzido a uma mera expressão do vivido.

*On revient toujours*: hoje recomeça a mesma aventura, no mesmo quarto envelhecido desta patética Rua Erê, enquanto as carrocinhas de pão começam a percorrer o Prado e meus amigos operários devem estar procurando o caminho da fábrica de calçados [...] Comecei contando o Natal que acabou e falando nos amigos e na parentela. *Meu desejo não é, porém, cuidar do presente*: gostaria apenas de reviver o pequeno mundo caraibano, que hoje avulta a meus olhos. Minha vida parou, e desde muito me volto para o passado, perseguindo imagens fugitivas de um tempo que se foi. Procurando-o procurarei a mim próprio. (DOS ANJOS, 2006, p. 26, grifos do autor e nosso)

Após esta breve apresentação sobre o *Amanuense*, resta esclarecer sobre qual pretexto pretendemos abordá-lo. O que nos interessa é uma característica particular desta obra, aquela que nos possibilitará a tentativa de realizar um diálogo entre filosofia e literatura, como

expomos anteriormente<sup>7</sup>. O pretexto que movimentará esse diálogo será o problema do tempo, sua ação na vida humana, sua passagem. O próprio Bergson chama atenção a respeito da importância da literatura no *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*:

No entanto, se algum ousado romancista, rasgando a cortina habitualmente tecida de nosso eu convencional, nos mostra sob esta lógica aparente dum absurdo fundamental, sob esta justaposição de estados simples uma penetração infinita de mil impressões diversas que já deixaram de ser no momento em que a nomeamos, nós o felicitamos por nos ter conhecido melhor do que nós nos conhecemos a nós mesmos. (BERGSON, 1988, p. 93)

Pois bem, temos a via, resta trilhar o caminho. À medida que avançamos na leitura da obra *O Amanuense Belmiro*, percebemos seu protagonista em uma situação conflituosa, traduzida no impasse em que se encontra entre o desejo de escrever um livro sobre as memórias de sua vida em Vila Caraíbas e a atuação incessante de um presente, que com suas intermináveis exigências não lhe permite alcançar por completo este tão desejado passado. De modo contrário, este mesmo passado, atualizado em fragmentos, lampejos, o impede de viver por completo sua vida presente. Configura-se assim, a prisão temporal da qual Belmiro fez-se cativo. Como implicar ‘visões e audições’ do passado com o tempo presente, sem cair numa espécie de efeito alucinatório da linguagem? Nesse caso, a experiência da escrita literária e sua dimensão estética passariam a ser pensadas enquanto experiência singular, bem diferente da noção tradicional da experiência da escrita a partir da expressão da matéria vivida, até então associada a uma consciência e a um sujeito operador de sínteses cognitivas. Podemos, de alguma maneira, pensar esse ‘conflito’ da personagem Belmiro, enquanto busca por encontrar uma experiência que o invada de tal modo, a ponto de contribuir para a formação de uma percepção do tempo e da vida desprovida de significação verbal já dada. Compreende-se esse conflito quando entendemos que as pequenas percepções experimentadas pelo narrador principal, os objetos, estados de coisas, pessoas e paisagens, promovem um conjunto de signos particular. Daí, a escrita não poderá ser aprisionada numa narrativa, qual seja, a mera descrição de contrações temporais. Não se trata de apresentar ou classificar um conjunto de ‘imagens’ do passado; classificá-las,

Vejo que sob disfarces cavilosos, o presente se cai se insinuando nestes apontamentos e em minha sensibilidade, e que o passado apenas aparece aqui e ali, em evocações ligeiras, suscitadas por sons, aromas ou cores que recordam coisas de uma época morta. (DOS ANJOS, 1937, p. 36)

Quando imbricamos tempo, lembrança pura e escrita, estamos falando de forças que através dessas pequenas percepções estimulam o espírito, fazendo-o outro a cada movimento de narração. “Se as formas sedutoras da vida presente ainda me prendem, não insistirei teimosamente na exumação do passado” (Id. *Ibidem*, p. 37). Tratar-se-ia agora de um outro tipo de presença; falamos de pequenas percepções que permitem liberar o campo específico do invisível. O invisível é diferente de uma impercepção da percepção ou de uma incapacidade de

---

<sup>7</sup>Cumpramos frisar que, no registro bergsoniano, o encontro entre filosofia e literatura não apenas é explicitamente assumido, mas a arte literária parece tornar-se, como por vezes vislumbramos nas entrelinhas de seus textos, o ideal a ser almejado pela filosofia (PAIVA, 2005, p. 416).

percepção. Por isso falamos de uma outra experimentação<sup>8</sup>. Tal característica talvez constitua um dos conflitos do narrador, pois a escrita literária retira em seu infinitesimal movimento, a ideia de que possamos fazer dela um mero resultado de lembranças, arquivos, neuroses, fantasmas. Por isso que toda contração vem sempre decalcada em outras e novas percepções. O romance de *Cyro dos Anjos* não se trata de um jogo reativo, em que o escritor simplesmente reage ao mundo. Não é um exercício sensorio motor em que o mundo age sobre escritor e personagens numa sorte de constrangimento. Entendemos que a escrita literária é a expressão de uma zona de indiscernibilidade ou indeterminação. Belmiro, o narrador principal, quer de algum modo nos fazer sensíveis às forças ‘insensíveis’ que povoam o mundo.

Há muito que ando em estado de entrega. Entregar-se a gente às puras e melhores emoções, renunciar aos rumos da inteligência e viver simplesmente pela sensibilidade – descendo de novo, cautelosamente, à margem do caminho, o véu que cobre a face real das coisas e que foi, aqui e ali, descerrado por mão imprudente – parece-me a única estrada possível. Onde houver claridade, converta-se em fraca luz de crepúsculo, para que as coisas se tornem indefinidas e possamos gerar nossos fantasmas. Seria uma fórmula para nos conciliarmos com o mundo. (DOS ANJOS, 1937, p. 35)

Quando narrar o passado se torna um problema, é porque a sua individualidade já se perdeu a ponto de pensarmos o ‘seu eu’ dissolvido em função de um conjunto de relações estabelecidas e experimentadas. Se falamos de uma interioridade, ela jamais poderá ser confundida com uma representação do real. Em lugar disso, encontraremos linhas de articulação, estratos, movimentos, “variação violenta dos quadros... novas melancolias são despertadas” (DOS ANJOS, 1937, p. 31).

É sob esta perspectiva que podemos afirmar que *O Amanuense* nos apresenta em todo seu conjunto uma concepção intrincada de tempo, e como já havíamos adiantado, ela nos permitirá estabelecer uma aproximação com o pensamento do filósofo francês Henri Bergson, especificamente em relação a um conceito muito particular de sua filosofia, a *duração*. Um modo de ver o tempo em que passado, presente e futuro convivem, misturam-se, interpenetram-se. As implicações deste modo de ver o tempo impactam diretamente nas ideias de vida interior e psicológica, criação, evolução, individualidade, percepção e memória. A questão não é a de recuperar de certa maneira o que se passou, pois experimentarmos o ‘em si do passado’ é impossível. Nesse sentido, a filosofia bergsoniana, é de certa maneira a expressão do assombro da descoberta de que o tempo passa:

É assim que fomos conduzidos à ideia de tempo. Ali, uma surpresa nos esperava. Muito nos impressionou, com efeito, ver como o tempo real, que desempenha papel principal em toda a filosofia da evolução, escapa à matemática. Sua essência consistindo em *passar*, nenhuma de suas partes está mais aí quando outra se apresenta. (BERGSON, 2006, p.4, grifo nosso)

Uma passagem que é conservação, mas de tipo diferente, não é por justaposição, acumulação de instantes do tempo. Aqui se trata do tempo real, “aquilo que se faz e, mesmo,

---

<sup>8</sup>Recomendamos a leitura da obra *A imagem nua e as pequenas percepções. Estética e metafenomenologia*, de José Gil, publicada pela Relógio D’Água em 1996.

aquilo que faz de modo que tudo se faça” (BERGSON, 2006, p. 5), um tempo no qual sua passagem não se dá por justaposição, mas por um crescimento interno no qual o passado se conserva e se acumula continuamente no presente que avança ininterruptamente em direção ao futuro: “[...] a duração interior. [...] uma sucessão que não é justaposição, um crescimento por dentro, o prolongamento ininterrupto do passado num presente que avança sobre o porvir” (BERGSON, 2006, p. 29). Este *tempo real* é a duração, um tipo de tempo vinculado diretamente com a nossa vida interior, e que a ciência desconsidera. Será a partir de sua descoberta que Bergson (2006, p. 6) proporá sua investigação: “[...] essa duração, que a ciência elimina, que é difícil de ser concebida e expressa, sentimos-la e vivemos-la. E se investigássemos o que ela é? [...] Tal era a questão. Com ela, penetrávamos no domínio da vida interior, pelo qual até então nos desinteressáramos”.

Duração (memória), tempo, vida e literatura. Ao acompanharmos o movimento do personagem Belmiro, inevitavelmente seremos conduzidos para o imbricamento dos conceitos citados acima.

Na manhã de hoje, o sol apareceu forte e a terra queimava os pés. Quando, após instantânea formação de nuvens, veio a chuva, subiu da terra um hálito intenso e fecundante. Foi um pé d'água violento e rápido, mas o cheiro de terra impregnou-me as narinas o dia inteiro. Qual a relação entre tal acontecimento meteorológico e nossa sensibilidade? Eu não saberia precisá-la e apenas poderei dizer que um homem rural, adormecido, despertou em mim, com seu primitivismo, sua força e, simultaneamente, seus temores. Ao passo que sentia veemente apelo da terra e um desejo vivo de evadir-me para lugares e épocas distantes, para certa gleba da fazenda velha, reservada ao plantio, onde os homens, curvados, cavavam o solo, para lhe deitar as sementes, eu experimentava indizível angústia que resistia a toda tentativa de análise. (DOS ANJOS, 1937, p. 86)

A vida de Belmiro apresenta-se como um embate contra o tempo, não o externo, físico, material. Mas o tempo interior, aquele é único, que não se repete.

[...] pus-me a pensar no permanente conflito que há em mim, no domínio do tempo. Se, a cada instante, mergulho no passado e nele procuro uma compensação, as secretas forças da vida trazem-me de novo à tona e encontram meios de entreter-me com as insignificâncias do cotidiano. Pelo oposto, é comum que, quando o atual me reclama a energia ou o pensamento, estes se diluam e o espírito se desvie para outras paisagens, nelas buscando abrigo. Tais solicitações contrárias, em luta constante, levam-me às vezes a tão subitâneas mudanças de plano, que minha vida, na realidade, se processa em arrancos e fugas, intermináveis e sucessivos, tornando-se ficção, mera ficção, que se confunde no tempo e no espaço. (DOS ANJOS, 2006, p. 27)

Tudo indica que nosso personagem sofre de uma enorme perda de *atenção à vida*. Nada no seu presente imediato parece lhe suscitar qualquer ação, e este fato o leva a um afrouxamento na relação que mantém com o real, ou como afirma Bergson:



[...] Há portanto, enfim, tons diferentes de vida mental, e nossa vida psicológica pode se manifestar em alturas diferentes, ora mais perto, ora mais distante da ação, conforme o grau de nossa atenção à vida.” A personalidade inteira “[...] normalmente restringida pela ação, estende-se tanto mais quanto se afrouxa o torno o qual ela se deixa comprimir e, sempre indivisa, espalha-se sobre uma superfície tanto mais considerável. (BERGSON, 1999, p. 7)

No capítulo cinco do Amanuense Belmiro, intitulado *Ano Bom*, é exatamente o indicado acima que é apresentado. Belmiro “ia atento e presente” (DOS ANJOS, 2006, p. 27), pegar um bonde para visitar sua amiga Jandira, mas, ao escutar o som de uma sanfona tocada por um cego, em uma das ruas por onde passa, ele perde o bonde e a visita. O som da sanfona, afirma Belmiro: “desviou-me no tempo” (DOS ANJOS, 2006, p. 28), levando-o para a Ladeira da Conceição em Vila Caraíbas, onde outro sanfoneiro, em outro tempo, tocava.

Em *Matéria e Memória*, logo na Introdução, nesta mesma direção, Bergson afirma que a nossa vida psicológica, varia de acordo com o grau de nossa atenção à vida, e que esta é uma das “ideias diretrizes da presente obra, a própria ideia que serviu de ponto de partida” (BERGSON, 1999, p. 7) para esse trabalho. Temos aqui mais um ponto em comum entre as obras *O Amanuense Belmiro*, do escritor mineiro Cyro dos Anjos e *Matéria e Memória*, do filósofo francês Henri Bergson. Isto é, talvez, o problema do nosso personagem esteja expresso na relação entre sua consciência e seu corpo, ou de maneira mais clara, entre seu campo perceptivo e seus planos de consciência, ou ainda, nas relações que cotidianamente todos nós realizamos entre nossa percepção e nossas lembranças. Vejamos, primeiramente citando Bergson:

O que se toma ordinariamente por uma perturbação da vida psicológica, uma desordem interior, uma doença da personalidade, revela-se, de nosso ponto de vista, como um relaxamento ou uma perversão da solidariedade que liga essa vida psicológica a seu concomitante motor, uma alteração ou uma diminuição de nossa *atenção à vida exterior*. (BERGSON, 1999, p. 7, grifo nosso)

E agora, o próprio Belmiro: “Percebi que vago delírio se apossara de mim, envolvendo-me naquela onda de saudade e naquele desejo de encontrar uma forma de morte, que é procurar as sombras de um mundo que se perdeu na noite do tempo” (DOS ANJOS, 2006, p. 94).

É importante destacar que para Bergson a percepção não é vinculada à produção de um conhecimento puro, ou especulativo, ela diz respeito à ação, isto é, a posicionar nosso corpo a todo momento em relação ao real, sempre considerando a melhor escolha a ser realizada. O cérebro aqui perde a característica de produtor de representações e se apresenta como um comutador, onde os movimentos recebidos do exterior através dos nossos centros perceptivos escolhem por onde se expressarão em movimento (andar, tocar, falar). Mas se nosso corpo é chamado a realizar escolhas, a partir dos movimentos exteriores recebidos e, conseqüentemente, executar movimentos não mais automáticos, mas sim escolhidos, parece ser necessário que possamos de alguma maneira ter a nossa disposição todas as nossas experiências passadas que possam, em um determinado momento e situação, auxiliar-nos na escolha da melhor decisão a ser executada. Basta observarmos a dúvida de Belmiro, nosso narrador, a respeito do tipo de livro que deveria escrever. Ao se pretender um livro de memórias, o que narrar? Quais as forças que se interpõem de tal modo no processo narrativo e da escrita que fazem privilegiar um fato em detrimento de outro? Nesse sentido, narrar não se identificará com reconhecimento e nem

com representação.

Naquela noite de Natal, ao início destas notas, expus-lhes meu plano de ir alinhando apontamentos que me permitissem publicar, mais tarde, um livro de memórias. Estava, então, concebendo qualquer coisa, e essa coisa se me agitava, no ventre, reclamando um lugar ao sol. Jamais pensei, naquela ocasião, ou antes dela, que o presente pudesse vir dominar-me o espírito por forma tal, dele expelindo as imagens do passado que então o povoavam, abundantes e vivas. (DOS ANJOS, p. 112)

Em Bergson, consciência é memória, conservação e acumulação do passado no presente, mas ao mesmo tempo, também é, a partir desta acumulação, antecipação do futuro: “Portanto, toda consciência é memória - conservação e acumulação do passado no presente. Mas toda consciência é antecipação do futuro” (BERGSON, 2009, p. 5).

Há na vida de Belmiro um certo descompasso, um relaxamento, no sentido oposto à tensão que todos nós mantemos diariamente em nosso contato com o real e que é fator decisivo para nossa sobrevivência ou destruição no cenário cotidiano de nossas vidas. O delírio do Amanuense, citado acima, leva-o a procurar um mundo não mais existente, “um mundo que se perdeu na noite do tempo” (DOS ANJOS, 2006, p. 94). Por mais que o Amanuense tente, ora descrever que o presente invade sua intenção de acessar o seu passado; ora que é o seu passado que atravessa a barreira imposta por sua atenção à vida, o que se apresenta é como ele mesmo indica uma “certa dissolução de espírito” (DOS ANJOS, 2006, p.19). Somos a todo instante, no livro, envolvidos, seduzidos, pela perspectiva do narrador. Ele, de certa forma, direciona as nossas impressões a respeito da história contada, daí o perigo, a armadilha existente no romance/memória. Ele, Belmiro, conduz o leitor através do labirinto da sua própria narrativa. Os enunciados na narrativa trazem o passado ao presente, sem deixá-lo preso ao vivido, para reiterar o que já afirmamos anteriormente. Belmiro não pretende realizar uma reconciliação com o passado, como se o processo de narrar fosse de uma consciência que espiasse o passado em função de uma confissão. Na verdade, o narrador aos nos falar dos acontecimentos, provoca uma contração temporal, seja pela passividade da recordação, seja pela atividade da memória. Justamente o efeito de um conjunto de experiências e de uma travessia cravada como lembrança pura e ativa. Cada movimento da narrativa vai dissolvendo o eu do personagem através de um estranho jogo entre passado, presente e futuro. Novamente, o problema do tempo: “Às vezes ainda me vem uma necessidade angustiosa de rever velhas paisagens, de evadir-me para uma região que realmente já não se acha no espaço, e sim no tempo. Mas, no comum dos dias, agora é o presente que me atrai” (DOS ANJOS, p. 113).

O movimento realizado por Belmiro demonstra essa dissolução. Desgostoso do seu presente, ele desiste do futuro e tenta voltar-se para o seu passado caraibano, no entanto, inicia o seu projeto de memórias a partir do seu passado imediato que, é óbvio, por ter sido o seu presente insatisfeito, também não o sacia. Configura-se a armadilha na qual o Amanuense se aprisiona: em sua hesitação, o presente o atravessa; o passado torna-se inatingível e o futuro inexistente. Assim, sua procura *por si próprio* parece esboçar-se, como podemos observar no capítulo 33, intitulado de forma perspicaz como *ritornelo*<sup>9</sup>,

---

<sup>9</sup>O ritornelo se define pela estrita coexistência ou contemporaneidade de três dinamismos implicados uns nos outros. Ele forma um sistema completo do desejo, uma lógica da existência. Ele se expõe em duas tríades ligeiramente distintas. Primeira tríade: 1. Procurar alcançar o território, para conjurar o caos; 2- Traçar e habitar

Lembra-me quão penoso foi o encontro com o passado. Lembra-me o dia em que só, na varanda da velha fazenda, numa hora por si mesma de intensa melancolia – a hora rural do pôr do sol - fiquei a percorrer com um vago olhar, as colinas e os vales que se desdobravam até ao azul longínquo da serra, recuado limite do meu mundo antigo. Na verdade, os olhos apenas recebiam imagens e as devolviam para o exterior, porque algo impedia uma comunicação entre o mundo de fora e meu mundo de dentro, rico de uma paisagem mais numerosa, que só tinha de comum com a paisagem exterior os traços esfumados de coisas que vão se extinguindo, ao morrer da luz e um sinal de sofrimento ou de tristeza, sofrimento e tristeza que, em certas oportunidades, nos parecem estar no fundo e na forma de cada coisa, em vez de se localizarem em nós mesmos. (DOS ANJOS, p. 114)

Não nos esqueçamos que, de início Belmiro acreditava na possibilidade de ser amanuense de sua própria vida, um copista que repetiria no papel em forma de uma linguagem espacializada todo seu passado em Vila Caraíbas. Mas, para sua surpresa, este ato lhe foi impossibilitado. Qual seria o motivo para este impedimento?

Inútil tentativa de viajar o passado, penetrar no mundo que já morreu e que, ai de nós, se nos tornou interdito, desde que deixou de existir, como presente, e ficou para trás. Vila Caraíbas, a montanha, o rio, o buritizal, a fazenda, a gameleira isolada no monte - que viviam em mim, iluminados por um sol festivo de 1910, ou apenas esboçadas por um lugar inesquecível que caiu sobre as coisas, naquela noite de 1907 – ali já não estavam. Onde pretendi encontrar a alma das épocas idas, não encontrei senão pobres espectros. (DOS ANJOS, 1937, p. 114)

Bergson completaria, ao dizer que:

A verdade é que a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas, pelo contrário, num progresso do passado ao presente. É no passado que nos colocamos de saída. Partimos de um "estado virtual", que conduzimos pouco a pouco, através de uma série de planos de consciência diferentes, até o termo em que ele se materializa numa percepção atual, isto é, até o ponto em que ele se torna um estado presente e atuante, ou seja, enfim, até esse plano extremo de nossa consciência em que se desenha nosso corpo. (BERGSON, 1999, p. 280)

O que talvez o Amanuense tenha desconsiderado e percebido tardiamente é que o

---

um território que filtre o caos; 3- Lançar-se fora do território ou se desterritorializar rumo a um cosmo que se distingue do caos, como observou Deleuze em *Mille Plateaux*, 1980, p. 368 e 382). Segunda triade: 1-Procurar um território; 2-Partir ou se desterritorializar; 3- Retornar ou se reterritorializar. Deleuze, *Qu'est-ce que la philosophie?* 1991, p. 66). O ritornelo merece duas vezes seu nome: em primeiro lugar, como traçado que retorna sobre si, se retoma, se repete; depois, como circularidade dos três dinamismos citados. Assim, todo começo já é um retorno, mas implica sempre uma distância, uma diferença: a reterritorialização, correlato da desterritorialização, nunca é um retorno ao mesmo (Cf. ZOURABICHVILI, 2004, p. 95).

tempo real, - nossa duração - aquele que determina nossa individualidade, é como esta frase que escrevo neste exato momento. Esta, para ter sentido deve ser considerada desde a primeira palavra, ou seja, uma existência onde apreendemos uma “criação contínua, jorro ininterrupto de novidade” (BERGSON, 2006, p. 11).

Belmiro descobre que suas lembranças não estão dispostas como objetos organizados em um espaço homogêneo e que sua vida interior é uma frase iniciada, e ainda por fazer:

Não voltarei a Vila Caraíbas. As coisas não estão no espaço, leitor; as coisas estão é no tempo. Há nelas ilusória permanência de forma, que esconde uma desagregação constante, ainda que infinitesimal. Mas não me refiro à perda da matéria, no domínio físico, e quero apenas dizer-lhe que, assim como a matéria se esvai, algo se desprende da coisa, a cada instante: é o espírito cotidiano, que lhe configura a imagem no tempo, pois lhe foge, cada dia, para dar lugar a um novo espírito que dela emerge. Esse espírito sutil representa a coisa, no momento preciso em que com ela nos comunicamos. Em vão procuramos depois: só veremos outro, que nos é estranho. Na verdade, as coisas estão é no tempo, e o tempo está dentro de nós. A essência das coisas, em certa manhã de abril, no ano de 1910, ou em determinada noite primaveril, doce, inesquecível noite, fugiu nas asas do tempo e só devemos buscá-la na duração do nosso espírito. (DOS ANJOS, 2006, p. 94)

Por fim, o próprio Amanuense declara que sua vida parou. Restaria saber se não há mais o que lembrar, ou se o seu presente, que ainda há pouco era indicado como o impedimento para acessar o seu passado em Vila Caraíbas, não o desafia para mais nenhum movimento:

TENDO verificado que se esgotara minha provisão de papel, Carolino me trouxe esta manhã uma porção de blocos. Sangrou rudemente o almoxarifado da Seção do Fomento...Previdente e providente amigo! Esqueceu-me comunicar-lhe que já não preciso de papel, nem de penas, nem de boiões de tinta. Esqueceu-me dizer-lhe que a vida parou e nada há mais por escrever. (DOS ANJOS, 2006, p. 94)

É evidente a renúncia do Amanuense ao movimento, à atividade livre, às suas possibilidades de escolhas e decisões. Bergson (2009), como dissemos anteriormente, afirma que consciência é memória, isto é, esta nossa capacidade de escolher, decidir os rumos a serem seguidos, a partir de tudo que já vivemos até então, e assim criarmos o nosso futuro: “Em resumo, a matéria é inércia, geometria, necessidade. Mas com a vida aparece o movimento livre. O ser vivo escolhe ou tende a escolher. Seu papel é criar. Num mundo onde todo o restante é determinado, tem a seu redor uma zona de indeterminação” (BERGSON, 2009, p. 12).

A rejeição ao movimento exercida pelo Amanuense implica a frustração da vida e, conseqüentemente, da consciência. Ao abdicar ao movimento, Belmiro adere à repetição, nos moldes da matéria - inércia, geometria, necessidade -, conseqüentemente também é a recusa à possibilidade da criação, ao novo, à diferença<sup>10</sup>. Neste caso, procurar habitar a inconsciência é

<sup>10</sup>Les schémas bergsoniens d'un temps non successif, non homogène, non chronologique, où la 'ritornelle' du passé ontologique et le 'galop' du passage du présent coexistent, figurent des processus d'individuation par lesquels des multiplicités virtuelles en passent à l'actualisation. (BERGSON, V. 2001, pp. 278-279. Tradução nossa).

uma renúncia à vida, pois a intensidade da consciência está diretamente ligada a quantidade de escolhas, de possibilidades que impomos à nossa vida. Parar, portanto, é extinguir a coexistência em consciência e vida.

[...] a matéria viva em sua forma elementar, tal como pode ter se apresentado inicialmente. É uma simples massa de geleia protoplásmica, como a da ameba; é deformável à vontade, portanto é vagamente consciente. Agora, para crescer e evoluir, ela tem à frente dois caminhos. Pode direcionar-se no sentido do movimento e da ação – movimento cada vez mais livre: e isso é o risco e a aventura, mas também é a consciência, com seus graus crescentes de profundidade e intensidade. Por outro lado, pode abandonar a faculdade de agir e de escolher, cujo esboço traz em si, e arranjar-se para obter ali mesmo tudo de que precisa, em vez de ir buscá-lo, isso é então a existência segura, tranquila, burguesa, mas é também o torpor, primeiro efeito da imobilidade; dentro em breve é o entorpecimento definitivo, é a inconsciência. (BERGSON, 2009, p. 11)

O repouso de Belmiro expressa, na citação acima, como *nada há mais por escrever*, sugere que o Amanuense pretende desligar-se das suas memórias, da sua consciência. No entanto, tal gesto gera uma impossibilidade de esquivar-se do seu passado. Essa digressão temporal faz com que ele, numa certa medida, escape à repetição, viabilizando o novo, a novidade.

De uma maneira distinta de Freud, mas tão profundamente quanto, Bergson viu que a memória era uma função do futuro, que a memória e a vontade eram tão só uma mesma função, que somente um ser capaz de memória podia desviar-se do seu passado, desligar-se dele, não o repetir, fazer o novo. Assim, a palavra “diferença” designa ao mesmo tempo, o *particular que é e o novo que se faz*. (DELEUZE, 2012, p. 139, Grifo do autor)

A adesão ao repouso, portanto, é ao mesmo tempo a negação à possibilidade de escolha, de ser no mundo uma zona de indeterminação; é fechar os olhos ao movimento interior causado pelos movimentos do mundo exterior, é entrar no domínio exclusivo do espaço onde só existe desdobramento e sobreposição de partes; é negar a possibilidade da mudança, da diferença, acreditando-se que tudo está dado. Esse ‘repouso’ de Belmiro nos remete de imediato ao texto do Blanchot, *Agora onde? Agora quem?* da obra *O livro por vir*. Acompanhemos o que ele nos diz:

O que em primeiro lugar nos impressiona é este movimento. Estamos perante alguém que não escreve pelo respeitável prazer de fazer um belo livro, e que tão pouco escreve por força desse belo constrangimento a quem julgamos poder chamar inspiração: para dizer as coisas importantes que teria a dizer-nos, ou porque seria essa a sua tarefa, ou porque esperaria, escrevendo, avançar no desconhecido. Então pra quê? Para tentar furtar-se ao movimento que o arrasta, dando-se a impressão de continuar a dominá-lo, e de que, uma vez que fala, poderia deixar de falar? Mas é ele que fala? Que vazio é esse que se faz palavra na intimidade aberta daquele que aí desaparece? (BLANCHOT, 1984, p. 221)

Portanto, o ‘repouso’ do Amanuense, nos remete de imediato à física newtoniana, onde temos as variáveis: espaço, tempo e velocidade, mas que, de modo geral a forma regente é o espaço. Ele é soberano, tempo e velocidade só acontecem nele. No espaço newtoniano a velocidade não altera o resultado. Por isso, somos capazes, a partir dos fundamentos da ciência moderna, de prever um eclipse solar que acontecerá daqui a duzentos anos. É a matéria em sua repetição. E, ainda, no caso de um movimento onde a variação da velocidade me faz percorrer uma distância de maneira mais rápida, em um tempo menor, o resultado dirá respeito somente ao desdobramento no espaço de um movimento que pode ser decomposto em quantas partes forem desejadas.

Mas o *verdadeiro* tempo não pode ser espacializado. É a duração, o tempo real, interior, como dobra do fora, que faz com que tudo seja e que nós sejamos o que somos; o aumento, por menor que seja, de velocidade envolvendo qualquer um dos nossos estados interiores, ainda que altere de maneira ínfima o tempo da espera; essa espessura de duração que por exemplo define para cada um de nós um fenômeno como luz, e que nos leva a deliberar os rumos que daí seguiremos, é decisivo nos termos que definem nossa vida ou nossa morte (entre um vermelho e verde no sinal de trânsito):

A atenção à vida, essa certa espessura da duração, esta espera, composta de nosso passado imediato e nosso futuro iminente, onde ocorre uma indagação do que fazer, para onde ir, o que dizer, essa necessidade de esperar antes de agir, já é consciência. (BERGSON, 2009, pp. 5-6)

O Amanuense afirma que a sua *vida parou*. Se como vimos, existe uma ligação íntima entre vida e consciência, esse parar parece estar implicado em uma perda gradual de atenção à vida exterior, movimentos que chegam, mas não encontram força para mover um corpo. Sem movimento não há novidade, somente a enfadonha repetição. Assim acaba o livro, como que a nos indagar: E nós, paramos por quê?

Esse texto, na justa medida da sua pretensão, pretendeu criar ou estender um pouco mais o campo problemático que a obra *O Amanuense Belmiro* nos proporciona. Não se trata de um texto explicativo no sentido stricto da palavra. É muito mais um convite à leitura desse romance memorialista com olhos filosóficos, em especial, os olhos bergsonianos, afinal, não é o próprio Bergson quem diz, numa conferência intitulada *A Percepção da Mudança*, realizada na Universidade de Oxford em 1911, que deveríamos aproveitar da visão privilegiada do artista que por ser um distraído, e justamente por isso, é capaz de ver mais e melhor como o real e suas relações se apresentam?

Com efeito, há séculos que surgem homens cuja função é justamente a de ver e de nos fazer ver o que não percebemos naturalmente. São os artistas. O que visa a arte, a não ser mostrar, na natureza e no espírito, fora de nós e em nós, coisas que não impressionavam, explicitamente nossos sentidos e nossa consciência? O poeta e o romancista que exprimem um estado de alma não a criam peça por peça; não os compreenderíamos caso não observássemos em nós, até certo ponto, aquilo que dizem de outrem. À medida que nos falam, aparecem-nos matizes de emoção que podiam estar representados em nós há muito tempo, mas que permaneciam invisíveis: assim como a imagem fotográfica que ainda não foi mergulhada no banho no qual irá ser revelada. O poeta é esse revelador. (BERGSON, 2006, pp. 154-155)

Por fim fica evidente a necessidade de nos impormos possibilidades para exercitarmos escolhas. É necessário nos obrigarmos o movimento. As dificuldades devem servir para que possamos descobrir nelas mesmas, suas correções, energias inesperadas (DOS ANJOS, 1959, p. 16). Só com esse gesto podemos recuperar nossa intensidade de consciência. Para Bergson, essa é a jornada já traçada até aqui pela matéria viva, mas também, é uma decisão recorrente e infinitamente constante quanto aos rumos da vida, mais especificamente da vida de cada um e cada uma de nós, pois só há “um “meio de saber até onde se pode ir: é pôr-se a caminho e anda” (BERGSON, 2009, p. 2).

O escritor exerce a função de sujeito de enunciação com as suas proposições, mas não é o sujeito da anunciação; esta é particular e singular a quem experimenta a obra nas suas infinitas possibilidades. Quando um artista junta elementos materiais para a construção de um objeto estético, ele agencia elementos e os transforma em proposições. Mas posteriormente, os encontros com a obra serão singulares.

A escrita é o efeito de intensidades, assim como também possui em sua independência, uma intensidade singular que através de suas forças, promove um composto de conexões. A palavra emotiva nos afeta pelo seu caráter imediato. Visto que a vida emocional se desenrola no âmbito de sinais, diretamente indicativos, a palavra precisa evocar esses sinais, fim de liberar ou de aplacar as paixões. Como ser passional e não exclusivamente racional, o homem necessita de palavra emotiva. (GRASSI *apud* PAIVA, 2005, p. 425)

Ela, a obra, fará passar em sua potência as multiplicidades infinitas. A graça do artista é fazer conspirar todos os elementos de um conjunto não homogêneo a ponto de fazê-los fazer funcionar juntos. Fabular um plano material de expressão e enunciação. Cyro dos Anjos através de seu personagem Belmiro, nosso amanuense, nos aponta no romance uma dimensão emotiva do homem. Essa emoção é essencialmente criadora. Cada gesto, cada olhar, cada gosto, cada paisagem, sofrimento, dor e amores superam, se assim podemos dizer, os limites da linguagem. O que temos, sem exagero, nada mais é do que uma travessia como elemento constitutivo do ser. Belmiro é o efeito de *alguma coisa* que o corta e o atravessa. Quando ele se pretende escritor, a sua escrita é uma espécie de dissidência, isto é, não carrega em si os fundamentos de uma disposição às significações. “Não se impressione. Não me estou avizinando da loucura. Já estudei o fenômeno. E uma forma de imaginação difluente. Forma frustranea. Espírito romanesco. O caso não tem gravidade” (DOS ANJOS, 1937, p. 133). Belmiro em sua travessia pela emoção criadora é o efeito das dobras do tempo sobre sua ipseidade. Um si mesmo que se abre à diferença, afinal, “não é possível que a gente seja tudo, ao mesmo tempo?” (Id. *Ibidem*, p. 136). Essas dobras do tempo são a duração. Um tempo que não é o resultado de uma reconciliação com o passado, muito menos efeito de imaginação, como se fosse um mero jogo passivo da recordação promovido por um hábito qualquer. Há uma violência nesse tempo-duração. No capítulo 83, “A vida se encolhe”, Belmiro diz:

Dediquei todo este domingo à leitura dos quatro cadernos de que já se compõe esta espécie de Diário. Não havendo outras, uma vantagem encontraremos em deixar no papel o registro dos acontecimentos de nossa vida: veremos surgir aos nossos olhos, para instrução e advertência nossa, um ser muito diverso daquele que supúnhamos encarnar. Quantas contradições,

quão diversos estados de espírito, que inexperiência, que desconhecimento de nós próprios! Há pouco mais de um ano escrevi a primeira página. Outras se sucederam, com largos intervalos. Eu não renunciara ainda ao projeto de um livro de memórias e me consumia em tentativas, repelindo as solicitações de um presente que se insinuava, sob mil formas no meu espírito e disputava lugar às imagens do passado. Depois, o caderno toma a feição de Diário e nele ponho, cada dia, fatos, impressões, ingênuos pensamentos, loucas fantasias. (DOS ANJOS, 1937, p. 269)

Num ininterrupto jorro de consciência, o narrador vai reconstruindo suas paisagens e cenários. A sua narrativa demarca um entretempo de uma vida adulta. É o tempo-acontecimento. Tempo-intensidade. Elementos fundamentais constitutivos de sua existência. O *Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, está longe de ser compreendido como um tipo de narrativa que se fundamenta sob um retorno ao passado. Na verdade, Cyro dos Anjos e seu personagem Belmiro, pretendem encontrar pequenos pedaços de vida, pequenas experimentações. Pretendem nos falar de uma memória como decalque de um tempo expresso, experimentações a partir da intensidade daquilo que chamaríamos de sublime no cotidiano. Sem qualquer receio, podemos dizer que tanto Cyro dos Anjos; quanto Bergson, concordariam que a memória se constitui no tempo e que as imagens, por vezes, tomam nosso espírito, violentamente, “uma vez que mobiliza em nós a imaginação e o desejo de coincidir como o cerne criador de nossa própria interioridade” (PAIVA, 2005, p. 431).

### Referências:

- BERGEN, V. *Bergsons et la durée*. Paris: L'Harmattan, 2001.
- BERGSON, H. *Matéria e memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação da comichade*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BERGSON, H. *O Pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BERGSON, H. *A energia espiritual*. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BLANCHOT, M. *Agora onde? Agora quem?* In: *O livro por vir*. Trad. Maria Regina Louro. Lisboa: Relógio d'água, 1984.
- DELEUZE, G. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, G. *Mille Plateaux*. Paris: Editions de Minuit, 1980.
- DELEUZE, G. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Editions de Minuit, 1991.
- DOS ANJOS, C. *O Amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Livraria José Olímpio, 1937.
- DOS ANJOS, C. *A Criação Literária*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1956.



DOS ANJOS, C. *O Amanuense Belmiro*. São Paulo: Editora Globo, 2006.

DOS ANJOS, C. *A Criação Literária*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1956.

GIL, J. *A imagem-nua e as pequenas percepções*. Estética e metafenomenologia. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relódio D'Água, 1996.

LEOPOLDO E SILVA, F. *Bergson: intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994.

NOBILE, A. P. F. *A recepção crítica de O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos (1937)*. São Paulo: Annablume, 2005.

PAIVA, R. *Subjetividade e imagem*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

ZOURABICHVILLI, F. *O vocabulário de Deleuze*. Trad. André Teles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

Recebido em: 28/02/2021

Aceito em: 15/06/2021